

## **Experiência dialógica em clínica do trabalho: um percurso metodológico.**

Dialogical experience in work's clinic: a methodological course.

Marie Julie Braga Ferreira; Maria Elizabeth Barros de Barros; Rafael da Silveira Gomes

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

---

### **RESUMO:**

Este artigo objetiva apresentar o percurso metodológico de uma pesquisa em clínica do trabalho que destaca a interlocução da pesquisadora com sua própria atividade de trabalho, ou seja, a trabalhadora é a pesquisadora de sua atividade de trabalho. A partir de seu repertório profissional, coloca-se como questão de pesquisa o manejo metodológico para uma análise do trabalho no viés do transformar para conhecer, tomando a trabalhadora como protagonista no processo de análise da atividade e a pesquisa como ferramenta para este processo. Neste percurso, destacam-se inflexões nos métodos propostos pela clínica da atividade, tendo como eixo o dialogismo e a cartografia como um intercessor no processo investigativo.

**Palavras-chave:** clínica da atividade; dialogismo; metodologia.

### **ABSTRACT:**

This paper aims to present a methodology of a research on the clinic's work that highlights the researcher's interaction with her own work's activity, in which the worker is the researcher of her work activity. Based on her professional repertoire, the question of methodological management for the work analysis with the goal of transforming to knowing, is taken as a research question, taking the worker as the protagonist in the process of analyzing the activity and research as a tool for this process. In this course, we highlight inflections in the methods proposed by the clinic of the activity, having as central idea the dialogism and cartography as an intercessor in the investigative process.

**Key-words:** activity clinic; dialogism; methodology.

---

### **Introdução**

A partir da atuação profissional de dois anos como psicóloga em um serviço de assistência social de uma instituição militar, delimitou-se um campo problemático em que se objetivou colocar em análise a atividade<sup>1</sup> de trabalhadoras-psicólogas nos serviços de assistência social na referida instituição, em consonância com as diretrizes das clínicas do trabalho, em especial com a Clínica da Atividade. Vontade de pesquisa que emergiu das experiências de trabalho vividas pela pesquisadora do projeto em tela,

diante de questionamentos que o trabalho em situação disparou: como atuar como psicóloga numa instituição militar marcada pela rígida hierarquia? Que vias construir frente ao inusitado que as situações colocavam para a prática dessas profissionais num contexto marcado por relações verticalizadas e heteronormativas?

A participação no coletivo de pesquisa do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST), ligado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Subjetividade e Política (NEPESP), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) foi um campo propício para o debate dessas questões assim como para o nascimento de outras: seria possível pesquisar a própria atividade? Que desafios se colocam quando pesquisadora e trabalhadora não se dissociam?

Nos encontros com este coletivo de pesquisa, essas questões insistiam. Como transformar em questão de pesquisa aquilo que afetava diretamente a trabalhadora, ou seja, suas dúvidas quanto ao trabalho desenvolvido? Como conduzir uma pesquisa no campo do trabalho em que a pesquisadora era também sujeito da pesquisa? Como operar no campo da pesquisa, como pesquisadora, a partir das angústias que um trabalho numa instituição militar produzia? Seria possível alargar a autonomia e ampliar o poder de agir numa instituição pautada pela rígida disciplina e hierarquia fortemente verticalizada?

Estas questões foram, então, traçando os contornos da pesquisa, indicando a necessidade da construção de um dispositivo metodológico, a partir do dialogismo, da experiência dialógica, para que, ao longo da pesquisa, pesquisadora e trabalhadora pudessem fazer deslocamentos necessários à análise da atividade proposta: de psicóloga de uma instituição militar.

Nesse sentido, recorreremos à entrevista como instrumento para a criação de um campo dialógico, tomando-a como procedimento cartográfico que acompanha processos e neles intervem, provocando mudanças e catalisando instantes de passagens. (TEDESCO, SADE e CALIMAN, 2016). Essa perspectiva teórica nos indica que a entrevista não se resume à colheita de dados e seu alcance não se limita a perguntas e respostas, ressaltando o seu caráter performativo. Por isso, ao longo deste artigo mencionaremos palavras como conversas e encontros, em vez de entrevista, para evidenciar os movimentos dialógicos.

Portanto, consideramos que compõe a construção deste dispositivo metodológico a atualização dessas duas posições subjetivas – pesquisadora e trabalhadora - e, conseqüentemente, reposicionamento na análise do trabalho no curso da pesquisa. Neste

sentido, e diante dos desafios fez-se necessária a criação de algumas estratégias para ajudar neste processo, compondo o método:

a) movimentos dialógicos com o par: encontro entre duas trabalhadoras – psicólogas – da assistência social de uma mesma instituição militar que não se conheciam e atuavam em núcleos de assistência social diferentes - uma delas a pesquisadora;

b) interlocutores estrangeiros: esta etapa é marcada pelo deslocamento da pesquisadora para o lugar da trabalhadora, a partir de conversas com interlocutores estrangeiros, como a orientadora e um trabalhador de gênero profissional diferente. Nas conversas sobre o material da pesquisa com a orientadora, os conteúdos dialógicos da conversa com a trabalhadora do mesmo gênero profissional – o par - foram discutidos e analisados, produzindo novas diretrizes no processo de pesquisa e reposicionamentos da pesquisadora. Uma dessas diretrizes culminou na estratégia de pesquisa que consistia em um diálogo entre profissionais de gêneros diferentes, sendo um deles a trabalhadora da pesquisa em questão. A conversa com o profissional de outro gênero foi uma estratégia de pesquisa para promover o deslocamento da pesquisadora para o lugar da trabalhadora.

c) as cenas: os movimentos dialógicos pelos quais a trabalhadora e pesquisadora transitaram ao longo da pesquisa foram gravados. Contudo, a aposta metodológica que afirmamos nos indica que uma transcrição exata destes diálogos não daria conta dos movimentos subjetivos aí presentes. Desta forma, a escolha por como o material seria trabalhado na pesquisa se deu por uma escrita reeditada pela trabalhadora em cenas dos movimentos dialógicos que experimentou ao longo do processo, como dispositivo de análise do trabalho e, conseqüentemente, estilização desse gênero profissional<sup>2</sup>

### **Movimentos dialógicos: a entrevista a partir da cartografia**

Ao tomar a experiência dialógica como um recurso metodológico, a partir da clínica da atividade, seguimos a diretriz que nos indica que, no encontro entre trabalhadores, a atividade de trabalho é refeita na ação que se dá no diálogo. Nesse sentido, a partir de interlocuções com a cartografia, não tomamos o diálogo como mera reprodução de coisas vividas, mas sim como atualização do vivido, como produção de experiência, ou seja, a troca dialógica como atividade produz deslocamentos subjetivos e mobiliza os trabalhadores a analisar sua atividade de trabalho, em uma dinâmica

processual que comporta múltiplas facetas que não estão dadas antecipadamente. Portanto, interessa acompanhar, na ação dialógica, as dobras, os desvios, as discordâncias, os silêncios, os fluxos em que a linguagem se amplifica ou se fecha na atividade de trabalho, destacando a experiência dialógica como recurso em clínica do trabalho.

Desta forma, nos movimentos dialógicos feitos pela pesquisadora e trabalhadora, a entrevista, a partir da cartografia, emergiu como um dispositivo clínico de análise do trabalho, ou seja, como uma ferramenta que pode contribuir para a ampliação da vitalidade dos coletivos de trabalho e de seus recursos para a ação (OSÓRIO, 2010).

Considerando o trabalho um processo, interessa à pesquisa conhecer sua dimensão processual. Nesse sentido, os métodos devem produzir uma transformação, onde se possa conhecer “seus modos e possibilidades de desenvolvimento, bem como os impedimentos da atividade e estratégias para ultrapassá-los”. (SILVA et al., 2011: 198). Para isso, o trabalhador é peça fundamental para que no encontro com ele e entre eles possa se dar visibilidade ao que conseguem apesar daquilo que não se consegue, às renormatizações que cada trabalhador ressignifica em sua atividade, compreendendo que esse movimento pode ampliar o poder de agir dos trabalhadores, fortalecer o gênero profissional e produzir saúde:

*Um caminho ou um atalho de pesquisa vai se constituindo no processo de pesquisar, na fabricação dos instrumentos e dos objetos, o que implica um modo de colocar problemas, de pensar o trabalho. Mas produzir problemas não nos coloca em lugar de uma crítica paralisante; ao contrário, marca um posicionamento de instigar o vivo à ação. Ao lado de Canguilhem, a clínica da atividade toma o ser normal como ser criador de normas e não como adaptado à situação. Ser normal não é ser conformado. Tomamos então a vida como um jorro ininterrupto de criação. Diversos modos de pesquisar o trabalho ao se ater ao trabalho morto empurram o vivo para dentro de quadros artificialmente produzidos. (SILVA et al., 2011:199).*

Seguindo esta pista, afirmamos a entrevista como um recurso metodológico para estar com os trabalhadores e promover o deslocamento entre pesquisadora e trabalhadora, tomando-a como produtora de realidades. Tanto no encontro com o par quanto com o profissional de outro gênero profissional, experimentamos a entrevista a partir deste viés, e o seu manejo deve cuidar para a construção de uma experiência que promova abertura às variações, às multiplicidades a fim de impedir seu fechamento em perspectivas totalizantes (TEDESCO et al., 2016).

O campo problemático da atividade dos psicólogos e psicólogas na assistência social em uma instituição militar, bem como a questão da pesquisadora ser também uma

trabalhadora deste gênero profissional, produziu um tensionamento na questão do método. A entrevista emerge como efeito desse processo. Entretanto, não se trata de qualquer entrevista. Não se toma, aqui, a entrevista enquanto uma técnica fechada, pois, dessa forma, nenhuma serventia ela teria aos objetivos por nós pretendidos. A entrevista nos importa se, por meio do seu manejo, os dizeres emergirem encarnados dos afetos próprios à experiência e não como um dizer sobre a experiência, permitindo um deslocamento entre o trabalhador e seu trabalho e operando como um meio para transformar a atividade e, assim, conhecê-la:

*Assim, os métodos propostos devem necessariamente produzir um deslocamento do trabalhador do lugar de quem cumpre suas tarefas, com um grau mais ou menos elevado de automatismos, para o lugar de quem observa e analisa seu próprio trabalho. Desse modo, o trabalhador, ou o saber da experiência operado por este, se torna primeiro na análise da atividade. (SILVA et al., 2011:197).*

Contudo, afirmamos uma entrevista que não carrega em si a pretensão de desvendar o desconhecido, muito menos de coletar dados: “a entrevista na cartografia não visa exclusivamente à informação, isto é, ao conteúdo do dito, e sim ao acesso à experiência em suas duas dimensões, de forma e de forças, de modo que a fala seja acompanhada como emergência na/da experiência, e não como representação”. (TEDESCO et al., 2016: 97).

Acreditamos que, ao convocar o trabalhador para falar sobre seu trabalho, a partir da entrevista, coloca-se em cena a “experiência do labor” (BARROS et al., 2014). Ou seja, tomamos a entrevista como um procedimento metodológico para análise da atividade de trabalho a partir do exercício dialógico que promove, considerando que quem investiga e quem é investigado coemergem nesse processo, reinventando-se e modificando-se:

*A pesquisa da atividade do trabalho é um acesso à experiência do labor na medida em que a investigação é ela mesma uma experiência que se distingue e não se separa daquela que está sendo estudada. É esse plano comum, contínuo, que une as experiências daquele que investiga e daquele que é investigado, que precisa ser considerado nas metodologias de investigação dos processos de trabalho. (BARROS et al., 2014: 152).*

### **Deslocamentos dialógicos: orientação e interlocutor estrangeiro.**

Retomemos a não linearidade deste percurso, pois o processo desta pesquisa se deu em um incessante movimento de recomeços. O encontro entre pares foi um instante que se desdobrou em outros. Um deles se deu na discussão do material com a orientadora. A conversa entre os pares foi retomada nos diálogos entre a pesquisadora e

a orientadora, momento dialógico de reposicionamentos frente ao material de pesquisa, mas principalmente, de reposicionamento da pesquisadora e da trabalhadora, a primeira no que se refere à pesquisa e a segunda, no que se refere à atividade de trabalho.

Nesse encontro dialógico, orientadora e pesquisadora discutiram e analisaram o percurso da conversa entre pares. Colocados os impasses e dificuldades, percebeu-se o engessamento da pesquisadora na condução da conversa: o lugar da pesquisadora se confundia com o da trabalhadora; aquela tentava manter um certo distanciamento, mas ao mesmo tempo, era capturada pela possibilidade de compartilhar experiência com um par, o que era inédito ao longo de seu percurso como psicóloga na referida instituição. Essa possibilidade de compartilhar com o par, um misto de novidade e expectativa, nos indicava os efeitos produzidos – enfraquecimento do gênero profissional - pelo distanciamento entre estas trabalhadoras que atuam afastadas geograficamente, com poucas possibilidades de encontro e diálogo. Logo, na iminência desse encontro e mesmo durante o encontro, esta novidade se configurou como uma espécie de quebra-gelo para que o processo de análise pudesse fluir na experiência dialógica entre as trabalhadoras.

Os diálogos entre a orientadora e a pesquisadora ajudaram nesse processo, abrindo caminhos para que pesquisadora desse lugar à trabalhadora nos movimentos dialógicos, tanto no encontro com o par, quanto no encontro com a orientadora. Era preciso conduzir a trabalhadora a falar da atividade e não só das normas prescritas, em uma perspectiva descritiva das tarefas<sup>3</sup>, mas, também, dos impedimentos, do que faz, do que não faz, das renormatizações viabilizadas nas situações concretas e singulares que experimentava. A partir destes diálogos com a colega de ofício e com a orientadora, a pesquisadora retomou a pesquisa por outros começos com duas novas possibilidades:

a) Colocar a pesquisadora para falar do lugar de trabalhadora, a partir da conversa com um trabalhador de outro gênero profissional. Tal dispositivo vinha sendo experimentado em outras pesquisas que compõem o coletivo de pesquisa do Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho (PFIST), ligado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Subjetividade e Política (NEPESP), vinculado ao Departamento de Psicologia da UFES, e;

b) A escrita das cenas como diálogo tardio entre a pesquisadora e a trabalhadora no processo de construção do percurso de uma pesquisa sobre a atividade de trabalho, marcando um reposicionamento da análise a partir da trabalhadora.

Na perspectiva de provocar a fala da trabalhadora, o exercício provocado pela orientação nos indicou como caminho a interlocução com o estrangeiro, não apenas com a orientadora, mas também com um membro do grupo de pesquisa, pertencente a outro gênero profissional, que conduziria uma conversa com a trabalhadora, de maneira que ela pudesse falar sobre sua atividade de trabalho.

Nesta experimentação, tomou-se como referência o método da autoconfrontação<sup>4</sup> e do dispositivo da entrevista a partir da cartografia. Este momento dialógico sinalizou uma dobradura significativa no percurso metodológico, em que a preocupação com a questão da posição pesquisadora/trabalhadora (psicóloga), cujo ofício estava em questão, levou a pesquisadora a ser entrevistada por um profissional de outro gênero para ativar nela uma experiência de dizer do seu trabalho ao estrangeiro.

### **Cenas do ofício: experiência dialógica entre pesquisadora e trabalhadora**

A partir do material das conversas, tanto com a colega psicóloga, quanto com o trabalhador de outro gênero, dos encontros de orientação e das vivências da trabalhadora, deu-se início ao trabalho de construção das cenas. Esse processo se deu a partir da releitura do material, somado aos deslocamentos da pesquisadora frente ao seu processo de pesquisa e, principalmente, da trabalhadora frente a sua atividade de trabalho. Neste sentido, as cenas são construções dialógicas realizadas pela pesquisadora/trabalhadora sobre sua atividade de trabalho, a partir das experiências dialógicas ao longo da pesquisa.

### ***Duas trabalhadoras, um gênero: paradoxos da pesquisa sobre um ofício.***

O encontro com o par foi um dos começos deste percurso de pesquisa. A partir dos movimentos dialógicos provocados pelos encontros de orientação, o movimento dialógico do encontro entre as duas trabalhadoras do mesmo gênero profissional foi construído a partir da escrita de cenas, que foi o dispositivo metodológico para o reposicionamento, em um diálogo tardio, entre as posições subjetivas coincidentes de trabalhadora/pesquisadora, tanto quanto à análise da atividade de trabalho, quanto da atividade de pesquisa.

A cena a seguir é produto deste processo. Como autoras da história de um ofício, as personagens expressam uma experiência concreta no cotidiano do trabalho e seus impasses. Busca-se alinhar a escrita em cena a uma perspectiva em que a escrita não

reproduz o vivido, mas, sim, elabora uma experiência intensa, “promovendo transformações, nos âmbitos subjetivos e de sentido (ALMEIDA, 2009: 57).

“Agendado o encontro.

Uma trabalhadora de psicologia que exerce sua atividade em uma instituição militar, mais especificamente, em um Núcleo de Assistência Social desta instituição, e que se propôs a pesquisar seu próprio ofício. Para isto, fez alguns contatos e encontrou uma outra trabalhadora que se voluntariou para um diálogo sobre uma atividade de trabalho que desenvolveu na referida instituição. Elas não se conheciam previamente, mas trabalhavam em Núcleos de Assistência Social, que, embora estivessem localizados em locais diferentes, pertencem a mesma instituição.

No dia combinado, elas se encontraram.

A proposta inicial era usar o método de Instrução ao Sósia<sup>5</sup> para acessar a atividade. Mas, o encontro causou surpresas na pesquisadora. Colocou-a à prova em sua atividade de pesquisa, pois diante da colega de trabalho, com a qual estabelecia, pela primeira vez, um contato, viu-se envolvida e absorvida pela possibilidade de compartilhar anseios que surgiam na fala da colega e que também experimentava no seu cotidiano de trabalho, afinal, pertenciam ao mesmo gênero.

Tal encontro promoveu uma instigante mistura!

Ao mesmo tempo em que era uma pesquisadora experimentando acessar a atividade de uma trabalhadora, ao provocar o diálogo com ela e ampliar o poder de agir, era a pesquisadora, também, uma trabalhadora do mesmo gênero profissional.

Os lugares, então, misturaram-se: pesquisadora-trabalhadora.

Duas trabalhadoras estabelecendo um diálogo sobre suas atividades e se encontrando diante de anseios vividos no concreto da experiência na instituição militar em questão.

- E como você faz quando isso acontece?

Era o que a pesquisadora queria perguntar para a trabalhadora, com quem dialogava, na tentativa de encontrar respostas para suas próprias dúvidas profissionais. E ao mesmo tempo, a pergunta que a pesquisadora se faz quando se vê diante de um método de pesquisa e se depara com a dimensão processual da mesma, onde o método emerge no encontro.

Desliga-se o gravador.

Agora, tem-se uma conversa franca, sem falas recobertas por conta de um intruso revelador - o gravador - e aí elas podem compartilhar os segredos mais íntimos da atividade profissional”.

Apesar de na programação do encontro entre as trabalhadoras, a pesquisadora se preparar para acessar a atividade por meio do emprego do método de instrução ao sósia, não foi possível e, de fato, nunca é, reproduzir esta estratégia metodológica, pois as variantes do encontro produziram efeitos não passíveis de uma antecipação, ou mesmo, de se prever como o encontro se daria.

Pertencer ao mesmo gênero suscitou reinventar o próprio processo de pesquisa, o que levou a uma inflexão no método. Na perspectiva ética dos estudos a partir da clínica da atividade, métodos devem produzir uma transformação. Portanto, o uso da instrução ao sósia só faz sentido enquanto método se ele é usado como instrumento de transformação e não como um instrumento de saber prévio que detém em si mesmo a verdade dos objetos. Neste sentido, segue-se a pista proposta por Silva, Barros e Louzada (2011): “Não se busca conhecer a verdade sobre o trabalho, um conhecimento ao alcance do esforço de um pesquisador atento e dedicado, debruçado sobre um mundo

já dado ou já constituído. É preciso insistir, somos inventados na e pela história, assim como nossos problemas e métodos. Assim ao renunciar à verdade sobre os mundos do trabalho, reafirmamos a necessidade de gerar ferramentas, de produzir modos de análise que nos auxiliem a intervir no real”. (p. 199).

Destacamos esta passagem do percurso da pesquisa onde a pesquisadora se interroga sobre o método de instrução ao sócia para afirmar que o método não precede a experiência do encontro. Não significa que o método não deu certo, ou foi mal utilizado, o que se quer afirmar é, antes, a dimensão processual da pesquisa, onde o método é efeito e não princípio. A pesquisa se forja no encontro entre as trabalhadoras, na experiência dialógica ressignificada, na mobilização do gênero profissional em questão.

No movimento dialógico, a posteriori, de orientação, ao rever o encontro dialógico entre as trabalhadoras, ganhou destaque a necessidade de deslocar a pesquisadora para seu lugar de trabalhadora, pois a proximidade com o par evidenciou um impasse: “É como você faz quando isso acontece? Era o que a pesquisadora queria perguntar para a trabalhadora, com quem dialogava, na tentativa de encontrar respostas para suas próprias dúvidas profissionais”.

Neste sentido, o paradoxo de pesquisar o próprio ofício colocou em evidência o deslocamento da pesquisadora para sua realidade como trabalhadora, ressaltando uma indissociabilidade. A exterioridade colocada pela instrução ao sócia é atravessada pela experiência concreta de trabalho da pesquisadora, assim a simulação do sócia é subsumida pela emergência da condição de par, por quem compartilha um fazer. É antes uma dimensão da pesquisa a se forjar como recurso para o desenvolvimento do ofício em questão, um meio para ação da trabalhadora, colocado, aqui, em análise como objeto desta pesquisa. Dessa forma, a pesquisadora precisou se reinventar e seguir a direção que se abriu a partir das formas moventes e provisórias suscitadas por um encontro cheio de potência afetiva.

### ***Tecendo conversa: acessar a atividade para confrontá-la***

Outro começo se teceu no movimento dialógico em que a pesquisadora ocupa o lugar de trabalhadora, ao se submeter a uma entrevista com um profissional de outro gênero, um interlocutor estrangeiro. A cena seguinte é efeito deste novo movimento dialógico, onde a questão do método se reinventa e se aproxima da perspectiva cartográfica:

“Uma sala branca gélida, mesa de reunião, algumas cadeiras, um gravador, porta fechada. Um burburinho intruso de gente atravessava o ambiente pelas frestas da janela. Era um sopro de vida em um ambiente quase hermético, sorrateiro às pretensões hipotéticas, supostamente ideais para o controle das variáveis estranhas. Duas dimensões: o dentro e o fora; insistem-se em se coabitar, atravessam-se.

Por entre paredes mortas e vozes vivas, uma conversa:

- Pronto! Podemos começar?

O início: apenas um instante entre os caminhos da pesquisa. Vias transversalizadas estão a compor o movimento que se cristaliza em questão: como acessar a experiência no concreto do trabalho?

Uma via: a pesquisadora e, também, trabalhadora, psicóloga de uma instituição militar, dispõe-se a conversar sobre seu trabalho com um interlocutor estrangeiro.

- Vamos!

- Eu vou fazer algumas perguntas para você sobre o seu trabalho....

Alguns ajustes no equipamento de gravação...

- Fala um pouco sobre como foi seu ingresso nesse trabalho?

Um certo ar cansativo, quando se tem que explicar todo o processo. Não parece um assunto atrativo, relevante:

- Foi através de concurso público.

Pronto. A frase se fecha.

- Tinha no edital do concurso a descrição das tarefas que você iria executar?

- Não, não tinha escrito. Tinha edital, mas ele não era específico quanto à psicologia nesta instituição. Ele falava mais do processo do concurso em si. Então, a gente não sabia de antemão onde e como íamos trabalhar.

Uma resposta objetiva e sem brechas. Uma resposta a uma questão.

- Como foi chegar lá sem saber previamente o que você deveria fazer?

- A gente supõe. Supõe pelo que já ouviu de outras pessoas que trabalham lá.

Durante o curso de formação, fizemos visitas a alguns locais de trabalho e conversamos com as psicólogas que já atuavam. O que se supõe é que a gente vai atuar de forma setorizada: ou saúde, ou psicologia organizacional, ou na área de educação. E tem uma assistência social no meio do caminho. Aí a gente supõe o que pode fazer, mas não tem nada escrito, previamente. Só depois, quando a gente é distribuída é que vamos nos inteirar de cada tarefa, das prescrições.

Suposições. O interlocutor estrangeiro segue na tentativa de colocar um ponto e vírgula na dureza do ponto final. Como romper as correntes que nos aprisionam e as falas que as representam? – ele se pergunta. Nem mesmo ele está isento disso, muito menos as suposições, mas o que seriam as suposições?

- O que você tinha de suposição?

- A gente supõe que vai atuar neste recorte aí de atuação. Essa suposição passa a ser um guia, uma forma de organizar as possibilidades e se preparar de alguma forma para elas, mas não se tem controle sobre isso, mesmo que tenhamos nossas afinidades, nossas experiências anteriores que nos inclinam para uma preferência ou outra. É a instituição quem decide onde a gente vai trabalhar.

Parece não haver saída.... Insiste o interlocutor estrangeiro:

- E com relação aos seus interesses, como você os concilia com o trabalho? No seu trabalho o que você gosta de fazer?

- Na verdade, é muito difícil dizer o que a gente gosta, quando a gente chega.

Ficamos um tempo tentando se localizar no que aquela instituição espera de nós, quais são as demandas que ela nos coloca. Então, em um primeiro momento, eu fui para um setor de avaliação psicológica e aí eu fiquei muito pouco tempo neste setor, então, assim, eu não conseguiria te dizer se eu teria interesse de ficar naquele lugar, porque eu fiquei muito pouco tempo.

Um instante. O barulho de gente, o som dos aparatos da sala, o ritmo do pé que bate no chão, contando o tempo do compasso. A mão que acaricia o cabelo, os dedos que se intercalam sobre a mesa, a voz que se propaga retomando o cenário:

-Pensando aqui... mesmo antes de entrar neste trabalho, a avaliação psicológica não era uma coisa que me agradava muito não.

O olhar entre eles abre espaço para seguir em frente.

- Mas, depois, por interesse da instituição, eu fui transferida para um setor para trabalhar na parte de assistência social. Minha experiência anterior era com atendimento hospitalar e clínica. Uma mudança, na verdade, para mim. E, em tão pouco tempo neste novo ambiente de trabalho, eu me vi saindo de um setor de avaliação psicológica para atuar na assistência social.

Uma brecha foi cavada:

- E os seus interesses? Como você os concilia com as demandas da instituição?

- Não sei, não dá para dizer. Isso não me parece tão simples... Pode ser que com o tempo consiga responder essa pergunta. Eu escolhi este trabalho pelos atrativos de carreira, sabendo que o campo de atuação seria uma descoberta. Hoje percebo que é uma construção essa relação com o ambiente de trabalho. Com o tempo e com as alianças que vão se formando, talvez seja possível conciliar”.

Enquanto pesquisadora, mas também compondo o campo de atuação dos psicólogos de uma instituição militar, foi preciso se ocupar com a questão da posição pesquisadora/psicóloga, por isso, o uso do dispositivo da entrevista foi a estratégia metodológica para colocar a trabalhadora na condição de entrevistada e ativar uma experiência do dizer sobre seu trabalho. Neste sentido, por meio da entrevista, pretendeu-se colocar em diálogo a atividade de trabalho da própria pesquisadora enquanto psicóloga em uma instituição militar, ressignificando a sua experiência. Por isso, a experiência do dizer toma o ponto central desta pesquisa, como dispositivo metodológico para transformar o ofício e assim conhecê-lo.

A cena se passa em um encontro: um interlocutor estrangeiro, membro do coletivo de pesquisa, pertencente a outro gênero profissional; uma psicóloga e uma conversa. Não se tem um ponto de partida e nem um lugar onde se quer chegar. Há um instante em que se produz uma experiência. Nesse plano de realidades possíveis, o manejo da entrevista opera uma intervenção quando os dizeres podem “emergir encarnados, carregados da intensidade dos conteúdos, dos eventos, dos afetos ali circulantes” (TEDESCO et al., 2016: 100).

Tedesco, Sade e Caliman (2016) nos indicam que, no início de uma entrevista, usualmente tem-se o procedimento questão-resposta, no intuito de disparar a conversa. A fala do entrevistado deve ser acolhida até que surja o momento propício para intervenções, desvios. Nesse sentido, a entrevista começa pelo meio. Na cena, observamos esse movimento disparador da conversa, bem como falas endurecidas, distanciadas e desencarnadas da experiência as quais refletem “práticas e formas de vida

pautadas na representação, produtoras de separação entre dizer e o dito” (p. 100). A fala tende a se limitar a descrição, uma explicação sobre a experiência, de forma a produzir um distanciamento entre quem diz e o que é dito:

“- Como foi chegar lá sem saber previamente o que você deveria fazer?

- A gente supõe. Supõe pelo que já ouviu de outras pessoas que trabalham lá. Durante o curso de formação, fizemos visitas a alguns locais de trabalho e conversamos com as psicólogas que já atuavam. O que se supõe é que a gente vai atuar de forma setorizada: ou saúde, ou psicologia organizacional, ou na área de educação. E tem uma assistência social no meio do caminho. Aí a gente supõe o que pode fazer, mas não tem nada escrito, previamente. Só depois, quando a gente é distribuída é que vamos nos inteirar de cada tarefa, das prescrições.

- O que você tinha de suposição?

- A gente supõe que vai atuar neste recorte aí de atuação. Essa suposição passa a ser um guia, uma forma de organizar as possibilidades e se preparar de alguma forma para elas, mas não se tem controle sobre isso, mesmo que tenhamos nossas afinidades, nossas experiências anteriores que nos inclinam para uma preferência ou outra. É a instituição quem decide onde a gente vai trabalhar.”

Tivemos como desafio, então, provocar na linguagem - a partir da fala da pesquisadora que se coloca como sujeito da pesquisa, trabalhadora, ao ser entrevistada por um estrangeiro - uma ruptura com as estruturas rígidas para fazer ouvir os seus limiares de invenção, sua potência transgressora, produzindo outros modos de relação em seu interior e em seus usos. Pesquisadora e trabalhadora precisaram deixar de ser em si mesmas, para coemergirem na experiência da entrevista, a partir da pista que nos indica que “entrevistar é uma forma de desenhar uma escrita que adentra o território desconhecido do outro” (SOUSA, 2012: 87). Nesse caso, o território desconhecido que transita pelo meio das posições subjetivas pesquisadora/trabalhadora e que perpassa pela linguagem, escapando às falas prontas.

Reafirmamos que a entrevista não emerge nesse processo como um procedimento pronto ou como instrumento de acesso a uma realidade dada, muito menos se constitui em um modo de fazer para ser replicado. Ela se dá na dimensão processual, na qual essa pesquisa se forja, e objetiva seguir fluxos de abertura a outros caminhos para se estar com aqueles que trabalham. Ao dizer isso, afirmamos, como Sousa (2012), que entrevistar exige uma abertura ao estranho, assim como o navegador que abandona seus instrumentos de navegação e produz uma deriva necessária no encontro do novo. É nesse movimento do entrevistar, ao se colocar à deriva, que o pesquisador acompanha o trabalhador, na escuta das palavras de ordem presentes na

tarrafa, sem deixar de estar atento às falas fugidias, ao exercício de pensamento, às variações da voz, do olhar, do corpo, enfim, àquilo que o aproxima um pouco mais de sua experiência, de sua atividade. Aproximamo-nos, então, do que o fragmento abaixo nos indica:

*Acolhemos as opiniões, as palavras de ordem, que aparecem ao longo da entrevista, mas sem ficarmos fixados nelas, à espreita, aproveitando os instantes de maior expressividade nos quais os modos de dizer ostentam em si as variações, as rupturas de sentido, em continuidade com o plano genético da experiência. Dessa forma, a entrevista segue linhas rizomáticas, mais do que linhas arborescentes, binarizantes. A entrevista busca proliferar a questão mais do que obter informação. (TEDESCO et al., 2016: 110).*

Neste sentido, ao falar sobre seu trabalho como psicóloga em uma instituição militar ao estrangeiro, a pesquisadora dá lugar a trabalhadora. E, em uma sequência de outros momentos - ao se ouvir falar através da gravação, ao transcrever sua fala, ao discutir este conteúdo com a orientadora - retoma seu lugar de pesquisadora e se reinventa como trabalhadora, produzindo cenas a partir da releitura que faz sobre o real do trabalho.

A partir desta releitura, pesquisadora e trabalhadora se dão conta das falas engessadas em descrições ou em perguntas que não favorecem falas que escapem ao repertório descritivo, este último, no caso da conversa com o par. Ao responder ao estrangeiro “não sei”, quando questionada sobre seus interesses, a trabalhadora se coloca diante de algo não pensado, algo que não foi passível de representação. No meio das frases cheias de explicações e descrições, ela se depara com aquilo que não é codificável pela língua. Há um estranhamento quando se vê convocada a falar sobre seus interesses. Afinal, será que ela os reconhece? “Isso não me parece tão simples...”, talvez não seja mesmo simples falar de interesses pessoais em uma instituição militar. Observamos aí uma dimensão da experiência que se encarna no dito não dito, que se atualiza em um “não sei”, “isso não me parece tão simples”, como um despontar de um desnudar da rigidez do corpo fardado da militar para que se possa ver outros corpos na feitura histórica que a constitui como trabalhadora.

Neste sentido, a estratégia metodológica da pesquisadora se colocar como sujeito da pesquisa ao ser entrevistada por um estrangeiro produziu um movimento dialógico tardio da pesquisadora/trabalhadora. No que tange à pesquisadora, a análise de todo repertório dialógico nos indicou que o manejo da entrevista deve estar atento às rupturas no corpo rígido, na fala engessada, de maneira que o trabalhador se perceba aí,

exatamente onde a fala falta, onde não há código, onde ele não acha que é. É aí que a entrevista nos interessa como recurso metodológico, onde o seu manejo “guia em direção à experiência em seu plano coletivo de forças, para ensejar a criação de novas perspectivas” (TEDESCO et al., 2016: 113), permitindo ao trabalhador estar diante de si, indagando-se, reposicionando-se, ampliando seu poder de agir: “Hoje percebo que é uma construção essa relação com o ambiente de trabalho. Com o tempo e com as alianças que vão se formando, talvez seja possível conciliar.”

Ao responder o interlocutor estrangeiro, a trabalhadora realiza uma ação<sup>6</sup>, ou seja, ela atualiza sua vivência da atividade de trabalho em outra atividade, a da linguagem, dirigida ao interlocutor, ao objeto, que é a fala na entrevista, e a si mesmo. Nesse momento, cria-se uma situação onde é necessário dizer algo sobre o vivido, mas isto que se diz não está imune às interferências provocadas pelo destinatário – o interlocutor; não só pelas suas perguntas, mas também pelos códigos emanados no processo relacional da entrevista. É preciso, portanto, recodificar aquilo que na situação concreta não fora pensado. Nesse ponto, tomamos o contexto da entrevista como campo propício para isso:

*Graças à linguagem dirigida ao outro, o sujeito realiza, no sentido forte do termo, suas atividades. Nesses termos, sua “realização” é determinada pelo contexto em que elas são mobilizadas. A cada contexto corresponde uma dada “realização” possível. O contexto da autoconfrontação mobiliza a experiência sob dois ângulos distintos e a descrição e a explicação não são idênticas nos dois casos”. (CLOT, 2006:141).*

Assim, seguimos a pista da entrevista como “uma experiência compartilhada do dizer que em sua performatividade cria mundo” (TEDESCO et al., 2016: 122), que busca abranger essa experiência de coemergência de si e de mundo, sendo mais originária do que os fenômenos subjetivos de entrevistado e entrevistador (RENAULT et al., 2016). Tomamos esta direção afirmando a entrevista como um recurso metodológico capaz de transpor as barreiras do vivido, como uma experiência “deslocada”, transformada, onde trabalhador e pesquisador se reinventam e se atualizam no gênero profissional e considerando que novas situações de análise irão exigir novos caminhos, novos métodos (SILVA et al., 2011).

### **A palavra final que nunca é dita: outros começos a tecer**

O percurso que esta pesquisa recorta diz de uma experimentação do trabalho como espaço de vida a partir das experiências dialógicas de uma trabalhadora que, neste caso, é também a pesquisadora. Como protagonista das cenas laborais, ela apresentou

uma dimensão do trabalho em seu fazer cotidiano, tomando-o como uma experiência sempre inédita a se experimentar no conflito entre o trabalho prescrito<sup>7</sup> e o real da atividade<sup>8</sup>.

Tomadas em um mesmo corpo físico, pesquisadora e trabalhadora transitaram nos impasses e desvios de uma experiência sempre a se fazer por entre os conflitos da atividade, seja a atividade de pesquisa, seja a atividade de trabalho como psicóloga. O trabalho de pesquisa, pensado do ponto de vista da atividade, e a inseparabilidade entre pesquisadora e trabalhadora são aspectos que destacam uma direção de pesquisa que pressupõe que a atividade de pesquisa “se dá na relação entre prescrito e real, uma vez que não é obediência irrestrita a procedimentos protocolares e técnicas formuladas previamente que antecedem a entrada no campo empírico” (BARROS; SILVA, 2016: 128) e que o conhecer não é neutro, não está à espreita de uma realidade a ser revelada, implica ação e intervenção no plano instituído, sendo a atividade de pesquisa, então, “uma ação criadora de mundos e sujeitos” (BARROS; SILVA, 2016: 128).

Demarcamos como movimento principal desse processo de pesquisa o deslocamento da pesquisadora para o lugar da trabalhadora, seguindo a pista da entrevista, a partir da cartografia. Como recurso metodológico, a entrevista, considerada não como uma técnica, se forja na experiência compartilhada do dizer que em sua performatividade cria mundo (TEDESCO et al., 2016). É um recurso que nos possibilita estar com os trabalhadores a acompanhar a transformação que eles fazem de uma experiência vivida do trabalho em objeto de uma nova experiência, a fim de estudar o modo como essa transferência desenvolve a atividade (CLOT, 2010).

Neste sentido, a trabalhadora, ao retomar o lugar de pesquisadora, pôde colocar em análise as experimentações dialógicas de um gênero profissional. É esse movimento que perseguimos nesta pesquisa, conforme nos indica Amador (2014), colocando em análise os modos como essa trabalhadora vive o labor no enfrentamento das provas do real e em suas situações concretas de trabalho, “abrindo-se, assim, instigantes questões no que se refere às estratégias de produção de conhecimento com os trabalhadores” (AMADOR, 2014: 260).

Como ser pesquisadora do próprio ofício<sup>9</sup>? Pode a pesquisadora ser ela mesma a trabalhadora em questão? Qual demanda esta trabalhadora apresenta para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre o seu trabalho? Como conduzir o diálogo para que ele não seja apenas uma descrição da dimensão psíquica do trabalhador? São

perguntas que se deram em algum momento deste percurso. Entretanto, a pesquisa mostrou-se um dispositivo potente para cuidar do ofício, desenvolvendo, a partir da própria trabalhadora, outros recursos para que os trabalhadores possam reelaborar suas atividades, transformando-as e, assim, conhecendo-as e desenvolvendo-as. Tal proposta segue as pistas dos referenciais que caracterizam o trabalho como atividade nos possibilitando: “explorar as fronteiras entre trabalho, subjetivação e experiência, colocando em análise os modos como os trabalhadores vivem o labor no enfrentamento das provas do real e em situações concretas de trabalho, abrindo-se, assim, instigantes questões no que se refere às estratégias de produção de conhecimento com os trabalhadores”. (AMADOR, 2014: 260).

Destacamos a especificidade de uma atividade de trabalho que se passa em instituição militar. Neste contexto de trabalho forjado por diretrizes rígidas, pautadas na disciplina e na hierarquia, outras questões emergiram quando nos colocamos com as trabalhadoras e trabalhadores a falar deste ofício: como falar de um trabalho realizado numa instituição militar e não considerar as suas particularidades e seus efeitos sobre o trabalho? Como se desvencilhar dos afazeres do seu próprio trabalho e problematizá-los? Como ser pesquisadora apesar dessas variantes que se conflituam?

Observamos que falas endurecidas e rígidas, atravessadas por palavras de ordem e por expressões que denotavam um distanciamento entre o fazer no trabalho e a atividade de falar sobre o trabalho, repetiam-se como algo descritivo e prescritivo. Tal fato nos levou a considerar a interferência de variantes institucionais particulares dessa organização de trabalho a compor os conflitos da atividade desses trabalhadores. Momentos da experiência dialógica em que as falas se viam impedidas por expressões como “é difícil dizer” e que se tornavam mais fluidas após desligar o gravador, nos apontam para esses conflitos inaudíveis diante o real da atividade dos psicólogos e psicólogas da assistência social desta organização militar.

Uma pesquisa sobre o trabalho, onde a trabalhadora é também a pesquisadora que se lança a problematizar, na pesquisa, seu próprio ofício, deve considerar a produção de outros modos de pesquisa que considerem esse processo como sendo também ferramenta para o desenvolvimento da atividade de trabalho e atividade de pesquisa.

Nas experiências dialógicas desta pesquisa, destacamos o percurso metodológico para a construção de um dispositivo clínico para análise do trabalho em que pesquisadora e trabalhadora não se dissociavam. Neste sentido, o dialogismo e a

entrevista, a partir da cartografia, foram pistas que apontaram algumas direções para este percurso. A aproximação com a cartografia nos indicou outros fios a puxar, principalmente no tocante às conexões possíveis, mas, também, a força e os desafios do dialogismo para o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa.

## Referências

- ALMEIDA, L. P. *Escrita e Leitura: a produção de subjetividade na experiência literária*. Curitiba: Juruá, 2009.
- AMADOR, F. S. Três movimentos para problematizar o trabalho contemporâneo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 17, n.º.2, 2014, p. 255-265.
- BARROS, M. E. B.; SILVA, F. H. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). *Pistas do método cartográfico: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 128 -152.
- BARROS, M. E. B.; PASSOS, E.; EIRADO, A. Psicologia e trabalho docente: intercessões com a clínica da atividade. *Psicologia & Sociedade*, vol. 26, 2014, p. 150-160.
- CLOT, Y. Trabalho e poder de agir. Belo Horizonte. Fabrefactum, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- ODDONE, I.; REY, A.; BRIANTE, G.; *Redécouvrir l'expérience ouvrière. Vers une autre psychologie du travail*. Paris: Éditions Sociales, 1981.
- OSÓRIO, C. Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. *Informática na Educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 13, n.º 1, jan./jun., 2010, p. 41-49.
- RENAULT, L.; EIRADO, A.; PASSOS, E. Da entrevista de explicitação à entrevista na pesquisa cartográfica. In: AMADOR, F.S.; BARROS, M. E. B.; FONSECA, T.M.G. (Org.). *Clínicas do Trabalho e Paradigma Estético*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 61-77.
- SILVA, C. O.; BARROS, M. E. B.; LOUZADA, A. P. F. Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In: BENDASSOLLI, P.F.; SOBOLL, L.A. (Org.). *Clínicas do Trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, 2011, p. 188-207.
- SOUSA, E. L. A. Entrevistar. In: In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 87-88.
- TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Org.). *Pistas do método cartográfico: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 92-127.

Marie Julie Braga Ferreira  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).  
E-mail: [mariejuliebraga@gmail.com](mailto:mariejuliebraga@gmail.com)

Maria Elizabeth Barros de Barros  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Rafael da Silveira Gomes  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

---

<sup>1</sup> A definição de atividade engloba o que o trabalhador faz na sua ação, assim como precisa despende de si mesmo para sua execução em termos fisiológicos e psíquicos. Integra, na ação, as respostas aos determinantes a que o trabalhador está submetido; determinantes oriundos da tarefa prescrita formalmente, do coletivo de trabalho ou de características e de limitações pessoais.

<sup>2</sup> O gênero profissional não é uma unidade amorfa, fixa. Ao contrário, como um meio para agir, possui uma estabilidade sempre transitória, demarcada pelas exigências da ação que levam os trabalhadores a mobilizá-lo. Neste sentido, está constantemente submetido à prova do real. Por isso, o gênero não se efetiva como uma obrigação a respeitar, é antes um recurso sempre passível de renovação e ajuste. Cada trabalhador atua sobre o gênero, ajustando-o e aperfeiçoando-o, ao posicionar-se fora dele, a partir de criações estilísticas. O estilo consiste na metamorfose do gênero em curso na ação.

<sup>3</sup> Tarefa diz respeito aos objetivos que a organização coloca aos trabalhadores, assim como aos modos de proceder para atingi-los. Compreende, também, as formas de interagir com as ferramentas disponíveis, as instruções relativas à segurança e as definições técnicas do produto a ser fabricado ou do serviço que será prestado.

<sup>4</sup> Método utilizado pela Clínica da Atividade em que o trabalhador descreve sua situação de trabalho para o pesquisador, considerando que a atividade de verbalização dá um acesso diferente ao real da atividade do sujeito.

<sup>5</sup> Método formulado por Ivar Oddone (1981) na FIAT, nos anos 1970, que implica um trabalho de grupo no curso do qual um sujeito voluntário recebe a seguinte tarefa: “Suponha que eu seja seu sócia e amanhã eu deva substituir você em seu trabalho. Que instruções você deveria me transmitir para que ninguém perceba a substituição?” (Clot, 2006).

<sup>6</sup> A partir dos pressupostos da ação apresentados pela Clínica da Atividade, a ação se dá em contínuo conflito entre a dimensão genérica da atividade, a atividade dos outros, ao objeto de trabalho e as outras atividades do trabalhador.

<sup>7</sup> Geralmente, na literatura, a noção de trabalho prescrito contempla duas dimensões complementares. A primeira diz respeito ao trabalho teórico, lato sensu, que aparece sob a forma das representações sociais existentes no contexto produtivo e expresso nos diferentes modos de olhar dos sujeitos. A segunda toma a forma mais acabada de tarefas circunscritas em situações específicas que dão visibilidade à chamada organização do trabalho.

<sup>8</sup> O real da atividade comporta o que não se faz, o que gostaríamos de ter feito, as atividades suspensas, as atividades impedidas; também o que não foi realizado faz parte da atividade.

<sup>9</sup> O ofício se constitui como conflito, processo e só pode ser observado em seu constante movimento. É o embate entre diferentes dimensões (pessoal, interpessoal, transpessoal e impessoal) que permite seu desenvolvimento, mantendo-o vivo. Ele é pessoal e interpessoal nas trocas que se dão em cada situação singular de trabalho coletivo. Ele é transpessoal no que diz respeito ao coletivo de trabalho, já que a atividade individual e coletiva é atravessada por uma história genérica. Por fim, o ofício é impessoal no que diz respeito à tarefa.